

CRISTINA  
FALLARÁS

O  
EVANGELHO  
SEGUNDO  
MÁRIA  
MADALENA

...

Esta e não outra é minha carne. Este e não outro é meu sangue.

Este e não outro é meu nome: Maria. Maria Madalena.

 Planeta



CRISTINA  
FALLARÁS

O  
EVANGELHO  
SEGUNDO  
MARIA  
MADALENA

*Tradução*  
Diego Franco Gonçalves



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Cristina Fallarás, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Diego Franco Gonçalves  
Todos os direitos reservados.  
Título original: El Evangelio según María Magdalena

PREPARAÇÃO: Débora Dutra  
REVISÃO: Renata Mello e Bárbara Parente  
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: Nine Editorial  
CAPA: Rafael Brum  
IMAGEM DE CAPA: SonerCdem/iStock Photo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Fallarás, Cristina

O evangelho segundo Maria Madalena / Cristina Fallarás; tradução de Diego Franco Gonçalves. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.  
208 p.

ISBN 978-65-5535-707-3

Título original: El Evangelio según María Magdalena

1. Ficção espanhola 2. Ficção religiosa 3. Maria Madalena, Santa – Ficção  
I. Título II. Gonçalves, Diego Franco

22-1394

CDD 86o

### Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Sumário

1. Já há cerca de dez anos nesta cidade .....	11
2. Partimos de Magdala no ano de 62 .....	14
3. Foram as minhas propriedades, e não as minhas virtudes..	17
4. Eu era ainda muito menina quando o Gigante apareceu ..	22
5. Ana. Ana flor de alfena .....	26
6. Escrevo tudo isso .....	35
7. Eu conheço a violência .....	37
8. Celebrava-se em casa o décimo dia do sexto mês .....	40
9. Os zelotes decidiram agir .....	45
10. Zebedeu era um homem bom .....	49
11. Isso é o que sou, o que somos.....	56
12. A casa de Zebedeu era branca e brilhante .....	60
13. O caminho de Betsaida a Magdala.....	66
14. As rainhas, as mulheres, sua estirpe .....	68
15. Às vezes, gostaria de estar só .....	70
16. Não me lembro de como fiquei sabendo .....	72
17. Estava bonita.....	76
18. Três dias depois da festa .....	80
19. Herodes é o maior imbecil.....	86
20. O que é um profeta?.....	89
21. Soube por Levi do enfrentamento contra os fariseus.....	92
22. É o corpo.....	96
23. Maria era ainda uma menina .....	98
24. Chovia intensamente .....	107
25. Sou forte.....	110

26. Não conheço o pudor .....	113
27. Quando a hemorroíssa estava curada .....	117
28. Na manhã seguinte, enviei o Gigante .....	119
29. Sabíamos que o Nazareno queria .....	125
30. Durante aqueles frenéticos dias .....	128
31. Era a dor .....	132
32. Homens como Nicodemos.....	135
33. Nós, mulheres, havíamos nos ocupado .....	141
34. O cheiro era de fezes e urina .....	147
35. Despertei em um sobressalto .....	152
36. De repente, fugíamos.....	156
37. Não se tratava de uma das periódicas mudanças.....	159
38. Incitar as bestas para conduzi-las .....	163
39. Pareciam uma tropa de bois .....	167
40. Contemplar a solidão de um homem.....	171
41. Hoje amanheci em meu leito confusa.....	174
42. Sempre soube que Simão Pedro era um canalha .....	176
43. Foi a própria Cláudia Prócula.....	180
44. Quando o Nazareno cruzou o pretório .....	183
45. Depois de deixar na casa do prefeito .....	188
46. Não está me fazendo bem .....	191
47. João de Zebedeu se aproximou .....	195
48. Eu os esperava sentada.....	199
49. Quem manipula as palavras constrói a vida .....	202
50. Daqueles com quem compartilhamos .....	206

# 1

JÁ HÁ CERCA DE DEZ ANOS NESTA CIDADE E EU AINDA NEM sequer entendi bem o lugar. Seria mais correto admitir que o lugar, a louca atividade de Éfeso, não me entendeu. Mas não tem muita importância neste momento. Por fim, disponho-me a deixar por escrito tudo o que vivi. O tanto que me permitir o tempo que me resta. Não será uma tarefa leve, e já estou velha. Não me sinto uma anciã, assim como nunca me senti jovem, mas meus ossos, especialmente nas longas e salobras madrugadas de insônia, desgastam-se nas juntas, esgotando-me por completo. Silêncio, minha coluna, eu murmuro imperturbável nesses amanheceres.

Sim, imperturbável.

Eu, Maria, filha de Magdala, chamada Madalena, cheguei àquela idade em que não temo mais o pudor que nunca tive. Eu, Maria Madalena, ainda conservo a fúria com que confrontei e confronto a estupidez, a violência e os grilhões que os homens impõem sobre os homens e contra as mulheres.

Mas não escreverei a partir dessa fúria, assim decidi. Propus-me a fazê-lo como o pássaro que tece um ninho, meticolosamente, com amor e para o futuro. O ninho que não hei de ocupar, mas sim aqueles que precisam de abrigo.

Sim, sou velha. Já vivi muito. Não importa a idade que tenho. Sei que minha morte não tardará. Não entendo o esforço de contar os anos... Um, catorze, trinta... Deve-se contar os acontecimentos, os tempos de dor e os tempos de glória, os tempos de amor e os tempos de violência, a beleza e a infâmia contempladas.

A vida não é uma recontagem de datas, mas uma memória de emoções e acontecimentos, aprendizagens e fracassos. O que alcançaria eu deixando um inventário de anos após anos? Em um ano, cabem futuros e passados inteiros.

Eu tive a imensa sorte de conhecer a luz que emana dos corpos e da ciência. Em meio a tanta iniquidade, tanta vã crueldade e mutilações contra a terra, eu, Maria Madalena, conheci. E nesse conhecimento, aquilo que sou permanecerá por muito tempo. Pois nenhum conhecimento é inútil.

Minha decisão de deixar aqui um registro do que vi, dos eventos extraordinários que me foram presenteados sem nenhum mérito meu além da presença, é firme. Muito mais firme conforme vou conhecendo as vozes e os zurras dedicados a falsificar os fatos, a apropriar-se da realidade, do que aconteceu, e modificá-los até o tamanho de seu próprio corpo, recortar a realidade à sua medida. Infelizmente, isso também é chamado de memória. Uma memória falsificada da qual se aferem lucros.

Chegam-me escritos, lendas e mentiras que buscam apenas macular o que vivemos junto com aquele que, hoje, chamam de “o mestre” os mesmos que depois o repudiaram, o traíram. Aproveitar-se, é isso que eles querem; enriquecer, acumular poder, saciar a própria vaidade. Ou simplesmente salvar a si mesmos. Não há pecado nisso, mas miséria, cegueira, estupidez, mesquinhez. Sua sede de idiotice não tem limites.

Mas eu participei.

Eu conheci o Nazareno. Fui a única que nunca saiu do seu lado. Nunca. Não é vaidade. Assim se deu e foi isso que aconteceu; é o que sou e também nosso reconhecimento mútuo. Sento-me e relato tudo isso para apagar tanta mentira e para que compreendam seu verdadeiro fim. Nada será narrado em vão.





## 2

PARTIMOS DE MAGDALA NO ANO DE 62. MAGDALA, MEU porto, minha cidade às margens do mar da Galileia, meu lar, nossa fonte de vida. Ainda viviam Simão Pedro e Paulo de Tarso, e era impensável a devastação de Jerusalém, a destruição do Templo. Acompanhada por João, persuadimos Maria, a mãe do Nazareno, da necessidade de deixar a região, conscientes de que seu corpo estava se quebrando, sua anatomia de pardal. Fomos por terra até Tiro e de lá navegamos para Éfeso. Maria morreu pouco depois de colocar os pés nessa região. Ela era, então, nada além de um suspiro. Foi uma viagem de pedra seca, sol, vento, dias de chuvas cruéis e aquela violência sombria que já fazia da realidade um arfar de hienas.

Trinta anos após o desaparecimento de seu filho, e recém-chegadas aqui, a Éfeso, decidi fazer a pergunta. Trinta anos! Meu silêncio até aquele momento não era covardia, mas respeito. Eu a via desaparecer, prostrada, depois daquela viagem claramente muito longa para ela. Sob a pele translúcida, seu crânio era um vazio absoluto. Nunca vi um esforço tão longo, uma vida tão teimosa.

— Não guarda rancor, Maria?

Ela me olhou com aquele semblante tão seu, uma mistura de cansaço e assombro.

— Você acha que isso faria algum bem? Deveria ter entregado minha vida a eles também? Não, eu acho que não. Oferecer-me em sacrifício, é nisso que daria o rancor.

— Entendo.

— Eu não entendo, muitas vezes não entendi nada do que aconteceu. Nem mesmo agora.

— Mas há paz em você.

— Somos diferentes. — Sua voz era um finíssimo e tenso fio. — Essas coisas lhe parecem importantes; o que há ou não em mim ou em você parece-lhe importante.

— E não é? — Ao fazer a pergunta, percebi que era um erro; sua maneira de se responsabilizar, de se sujeitar, era um trapo velho que eu já manuseara muitas vezes. Maria sempre cumpriu seu papel de mãe, de membro de sua tribo, sem questionar. Nisso éramos radicalmente diferentes.

— Não. Não é, eu acho que não. A vida para mim acabou, passou por mim, isso é tudo. Em alguns momentos, considerei que nossas ações poderiam transformar o que está por vir, as coisas que vão acontecer.

— Você sabe que é por isso que me esforço.

Nós nos conhecíamos bem, tudo já havia sido dito.

— Sim. Restam a dor e as palavras. Minha dor seguirá comigo. Sim, eu sei, as palavras permanecem. Você sabe por quanto tempo? Você pode responder a essa pergunta? Alguém pode?

Sentada aqui, sigo sem a resposta. Elenco as palavras, coloco-as em ordem. Esse ato mantém a esperança de que elas permaneçam, de que não é um esforço fútil. Não posso imaginar que seja. Senão, de que serviria esse esforço?

Maria viu o filho ser torturado. Ficou ali, nunca desviou o olhar. Fomos ambas testemunhas da extrema crueldade

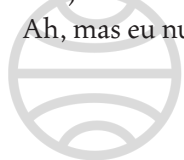


contra sua carne, mas eu não era mãe dele. Depois de contemplar tanta bestialidade, tanto corpo dilacerado, sigo sem saber o que sente uma mãe diante do corpo em agonia de um filho. Tampouco diante da alegria. Nunca engravidei.

Durante todo o tempo, desde antes da partida do Nazareno até a morte de Maria há alguns anos, já em Éfeso, nós permanecemos juntas. Mas o tempo não significa nada. Três anos podem durar mais de trinta.

Talvez ela tivesse razão em negar a relevância de tudo o que aconteceu em nossa vida. Não é nossa vida, mas o testemunho da vida de outros. No entanto, como eu poderia hoje narrar tudo o que vivi com o Nazareno sem partir de minha própria experiência? Não poderia. Simplesmente não poderia. Eu sou junto com o outro, perante o outro, no outro.

Ah, mas eu nunca engravidei.



Planeta